

Graças a Deus, ela voltou! Sozinho, eu já não suportava os dias meus. Aves, cantai! Abre-se um novo ninho! Tristezas, meu tormento amargo, adeus!

O fogo que na branda cera ardia, vendo o rosto gentil que eu na alma vejo, se acendeu de outro fogo do desejo, por alcançar a luz que vence o dia.

Certo dia, em floresta perfumada, dois pássaros falavam seriamente: – Ai, amigo... a minha alma está agoniada ante as ações dos que se dizem gente...

Ela voltou. Enfeita-se o caminho por onde passam os pezinhos seus. Vem para mim. Espera-a o meu carinho. Ela voltou, por fim... graças a Deus!

Como de dois ardores se incendia, da grande impaciência fez despejo, e, remetendo com furor sobejo, vos foi beijar na parte onde se via.

– Eu, também (fala o outro da galhada). Mudei-me já três vezes, num repente! Homens em ambição descontrolada, arrasaram meus lares, friamente!

Juntos, quem o diria, novamente! Eu e ela. Nós dois... quem o diria? Juntos de novo como antigamente!

Ditosa aquela flama, que se atreve a apagar seus ardores e tormentos na vista a quem o sol temores deve!

Bem logo, onde árvores e claros rios, delícias para amar, viver, cantar, veremos só vazios... só vazios...

Voltou. Abrem-se flores. Tons irreais dão novo colorido ao velho dia. Um amor que ressurge. Um poeta a mais.

Namoram-se, senhora, os elementos de vós, e queima o fogo aquela neve que queima corações e pensamentos.

E daí... – continua mais baixinho... – ninguém terá ninguém por quem chorar... sem vida alguma, e até sem passarinho...

Athayr Cagnin; Cavalheiro; de Seixo Rolado, 1982 Velho Tema

Luis Vaz de Camões (1517, 24 ou 25/1580), em Grandes Sonetos da Nossa Língua, de José Lino Grinewald, 1987

Leonilda Hilgenberg Justus, Vazios; de O Caminho, 1999 Rua XV de Novembro 551, 84010-020 – Ponta Grossa, PR

– Filha, que enorme barriga, o que sucede contigo? – Mãe, deve ser lombriga ou inflamação no umbigo!

Cincinnati Palmas Azevedo, de Jardim de Trovas 0002

Num tormento incontrolado, meu ciúme amaldiçoou o teu retrato falado nos lábios de outra pessoa. Paulo César Ouverney, em Sem Limites, 0004

Se alguém brigou por amor, ou é ciúme, ou intriga... – Quem ama não tem rancor, e por amor ninguém briga!

José Vitor de Paiva, em Anexo Elos Clube, BI UBT SP 0005

Assim é este mundo, todo cheio de loucos... E mais este vagabundo que te quer bem como poucos!

Francisco C. Rocha, em A Figueira 0004

Sacudiram minha vida, duas coisas, te confesso: a tua triste partida e o teu alegre regresso. João Batista Serra, em Trovaregre 0005

Nem sempre a briga é conflito quando o bom senso a conduz; certas pedras, em atrato, soltam centelhas de luz!

Haroldo Rodrigues de Castro, em Anexo Elos Clube, BI UBT SP 0005

CLASSIFICANDO OS TERCELOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔
O trevo guilhermiano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo **senryu** é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

O trevo **haikai**, é sempre **"aqui e agora"** – **não conceitual**.

O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!

Assim, temos:

trevo **haikai** personagem ou trevo **haikai senryu** (*não filosófico*),

trevo **haikai** subentendido (*aborda a natureza sem situar a estação*);

trevo **haikai sazonal**, **poesia pura** – (*o kigo, palavra da sazão, define-a*).

Simbolizamos o trevo haikai de sazão pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!

| Trevo senryu: | Trevo haikai senryu ou trevo haikai personagem: | Trevo haikai subentendido ou trevo haikai sem sazão: | Trevo haikai sazonal: |
|---|--|---|--|
| A rosa branca de pano na janela jardim cerzido. Guta Marques Porto * | Vento bobo idiota para a criança cheia de ciscos. Guta Marques Porto * | A tarde infla o sutiã no varal. Beijo do vento. Guta Marques Porto * | Kigo Flores de Outono e verão (Resedá). |
| Coro ao pensar no toque ousado do véu neblinando a flor... Magda Regina Lugon ** | Rio, me ajoito sem reparos no leito. Levo-me em flor. Magda Regina Lugon ** | Brejo desperto intrigante inseto toando solo. Magda Regina Lugon ** | Flores de outono para alegrar as árvores, um pouco descabeladas. Guta Marques Porto * |
| | | | Pé de resedás acalenta noite lenta em buquê lilás. Magda Regina Lugon ** |

Cigarros acesos. Poluição do ambiente. Não suportou e saio.
Albertina Canedo Gomes dos Santos

O sol é óbvio, guardo-o no bolso. Tenho é luas no corpo.

Meu patrão, eu fui *carrero*, eu *carriei munto* tempo nas *terra* do meu sertão! Ainda vivo escutando aquela *musga sodosa* do carro *vêio* cantando pelas *boca* do cocão...

pra eu não vê *disonrado pur* esses *carro intiado* da tá civilização, ofereci numa noite, numa noite brasileira, queimando numa fogueira em *loubô* di São João.

trazendo poluição. As flores murchando.
Haroldo R. Castro SF 9707

outra vez rouba minha alma esses olhos.
Guta Marques Porto: de No Ombro da Noite, 1992 *

Poluição geral. E as camélias vestem cinza numa cerca viva.
Darly O. Barros SF 9707

Todo dia, de mim, partem barcos e, nos confins de mim, das coisas, a superfície não me (com) vence. Tenho é ruas que vão dar além, é lá onde moro meu jeito meu consolo

Meu carro foi *istimado*, foi *cunhecido* e invejado! *pru* quê *dizê qui* não foi?! *Entonce*, as *junta* de boi: o Mimoso, o Pintadinho, o Bargado e o *Beija-flô*, esse boiote afamado *qui* eu recebi *di* presente *du difunto* meu avô!?

Zé da Ilha, Revista O Cruzeiro, 7 - 1950 (?); memorizado nos idos de não sei quanto.

Não à poluição. Natureza protegida, vida saudável.
Hélvécio Durso

Sinos alertas gritam nossa entrega. Todos os riscos.
Magda Regina Lugon: de Os Limites do Reino, 1993 * *

Volta da caçada sem pena de ave alguma. Só penas de amor.
Júlio Diniz (1839/1871), adaptação

Ofereço-te um sonho que não podes entender (sempre inacabado); sintá-o, apenas. A chama que me arde mora além dos olhos que tu tens.

Eu nem gosto de *alembra*... As *coisa qui* a gente tem, *qui* estima, *qui* quê bem, quando perde, se *alembando*, dá vontade *di* *chorá*...

Felicidade, meu bem, neste mundo é uma quimera... Quando se espera não vem, mas vem quando não se espera.
Antonio V. Rufatto, em BI UBT Magé 0003

Manto negro encobre tristes vidas, sofrimento. Poluição dos tempos...
Ligia Scholze Borges Tomarchio

Passos inertes na noite o queixo enterrado no sobretudo e essa voz parecida com a dela.

Madrugada e não durmo. O amor que me fez sentir, não quer me deixar.
Júlio Diniz, adaptação

Lari Franceschetto, Meu Mundo; em 2ª Antologia Poética Vargas Netto 98

Agora, veja o sinhó: esses *boi mi* queria; tudo que eu mandasse *fazê*, esses *boi* tudo fazia!

No tronco gravadas, inscrições em corações. Árvore tatuada.
Cyro Armando Catta Preta, Carvalho; de Palhas do Tempo, 1993

Carros, carros, carros... Sinônimo de Progresso?! – Poluição, talvez...
M. U. Moncam

No cárcere de Reading, junto a um muro, terra de opróbrio os ossos come de um desgraçado, envolto num sudário que o afogueia e que o consome! É uma campa infamante essa em que jaz, uma campa que não tem nome!

Duas lindas borboletas persigo, em nossos idílios: as tuas pupilas pretas, batendo as asas dos cílios.
Orlando Brito

Já com cabelos grisalhos, mas inda pensando em ti, vou à saudade em retalhos nas cartas que recebi.

qui eu tinha *pauta c'u* cão mas, porém, não tinha, não! Sabe o *qui* era, patrão? Era um modo *especiá qui* eu tinha *prus animá qui mi* dava u ganha pão: era o *cumê*, a razão!

Pai e mãe aflitos no Dia dos Namorados. A moça está triste...
Manoel Fernandes Menendez, 970607

Parece neblina tão grande a poluição chora a menina.
Sônia Maria Machado Cozzo SF 9806

E aí, até Jesus chamar os mortos, tranqüilamente há de jazer. Inútil verter lágrimas inúteis, e dar suspiros, e gemer. – Ele matou aquilo que adorava, teve, por isso, de morrer.

Que exemplo o do vaga-lume que vive na noite escura; quanto maior é o negrume, mais ele voa e fulgura!

Cidoca da Silva Velho, de Cantigas do Entardecer.

dispois *qui* eu vinha *du* mato arrastando a *muedera*, ia *catá* carrapato i *curá* us arranhão pra num virá *im bichera*. *Us* boi *qui mi* *cunhecia*, tudo isso agradecia...

Sopro e chama renascida, o amor é acha feiteira quando se acha enfraquecida a brasa da vida inteira.
Manoel Fernandes Menendez, em Estro 0004 SF 9909

É Maria Flor de Maio o nome de uma menina. Procurai nesta cidade a mais delicada e linda: é Maria Flor de Maio. Sempre de branco vestida, tem os olhos cor de hortênsia. Manhã cedo vai à missa, de dia cuida de crianças – Maria que é flor-de-maio.

No entanto (ouvi) cada um mata o que adora; o seu amor, o seu ideal. Alguns com uma palavra de lisonja, outros com um duro olhar brutal. O covarde assassina dando um beijo, o bravo, mata com um punhal.

Esquecida fotografia! Na manhã da mudança, a moça caiu nos meus pés.
Takuboku Ishikawa (1885/1912), de Tanka: 4ª Ed. 1991, Massao Ohno Editor (trad. Masuo Yamaki e Paulo Colina)

Par de namorados em serena bodas de ouro. Dois jovens sorrindo. Nossa homenagem à gentil colaboradora Djaldá Winter Santos. Salve 27 de maio de 2000!

Hoji tô *vêio*, cansado, já puxado pela idade, vivendo *du* meu passado i *remuendo* a *sodade*... Bargado morreu de *vêio*, *Beija-flô* também morreu *pru* via *duma* picada *duma* cobra *cascavê*; o Mimoso i o Pintadinho ofereci *di* presente aos *fi*o do *coronê*... Agora, u carro, patrão,

Ônibus que passa deixando a fumaça escura. Sinal de progresso?!...
Ceey Tupinambá Ulhóa SF 9806

E quando vem vindo a noite espera que chegue o noivo. Mas com tal constrangimento, com tanto rubor à face, que eu tenho o pressentimento que Maria Flor de Maio morre antes de casar-se.
Henriqueta Lisboa (1903/1985), Romance; de Obras Completas I, Poesia Geral (1929-1983), 1985

Quando as folhas caírem, e tu fores procurar minha cruz no campo-santo, há-de encontrá-la, meu amor, num canto, circundada de flores. Colhe então, para os teus loiros cabelos, cada flor que do peito meu florisse!

Tece a onda verde do mar, que se espreguiça na areia, a renda para enfeitar o teu corpo de sereia.
Cidoca da Silva Velho, de Cantigas do Entardecer.

A união se faz maior em noite fria que tenha uma família ao redor de um velho fogão de lenha!

Range a carroça, à distância, e o boi num passo indolente me traz lembranças da infância, faz do passado... presente.
Cincinnati Palmas Azevedo, de Jardim de Trovas 0002

Nariz entupido... – Cidade fumaça invade, que inverno poluído!
Fernando Soares SF 9806

Preserve a ecologia! Não adultere o projeto feito com sabedoria por Deus, o Grande Arquiteto! Santos Teodósio, em Sem Limites 9904

São versos que pensei sem escrevê-los, são palavras de amor que te não disse...
Olinado Guerrini, dito Lorenzo Stecchetti (1854/1916), Quando as folhas caírem, trad. Afonso Henriques da Costa Guimarães, dito Alphonso de Guimarães (1870/1921), em Obras Primas da Poesia Universal, 1963, de Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898/1966)

A brisa que passa e acaricia o meu rosto me lembra você.
Filemon F. Martins

Range a carroça, à distância, e o boi num passo indolente me traz lembranças da infância, faz do passado... presente.

A poluição, cercando a humanidade, suicídio sutil...
Fernando Vasconcelos SF 9807

De relâmpagos

Para quem sabe amar, os dez mandamentos ou amandamentos são:

- 1 Amarás ao teu deus ou tua deusa sobre todas as coisas, mas não além do amor que te der.
- 2 Não chamarás em vão o nome de teu deus ou tua deusa quando rejeitar o teu amor; e, se te chamar, que seja em vão: fecha-lhe teu ouvido e tua alma.
- 3 Guardarás os domingos e dias de festa para amar os não amados que te amam todos os outros dias.
- 4 Honrarás teu pai e tua mãe, que te amaram muito antes de que pudesses amá-los.
- 5 Não furtarás amor algum. Ele te será dado. Ou, então, não será amor.
- 6 Não pecarás contra a castidade. Ela ficará contra si mesma quando o amor vier, e o pecado então será virtude.
- 7 Não matarás o amor que foi perdido. Ele jamais morre: torna-se saudade.
- 8 Não farás testemunho ou juízo sobre quem te ama ou quem amaste: será um juízo falso em qualquer caso.
- 9 Não desejarás a mulher do teu próximo. Afasta-a de ti e ela te desejará.
- 10 Não cobiçarás as coisas ou os amores alheios: se um dia te pertencessem, perderiam toda a graça.

Para quem não sabe amar, os mandamentos são:

- 1 Amarás ao teu Deus sobre todas as coisas. Se já te consideras um deus, ficará tudo mais fácil.
- 2 Não chamarás o teu Deus em vão: aproveita o chamado para conseguir alguma vantagem.
- 3 Guardarás os domingos e festas para contactos sociais: nunca sabe de onde pode surgir um bom negócio.
- 4 Honrarás teu pai e tua mãe: nunca se sabe como será o testamento.
- 5 Não matarás: é mais negócio vender armas.
- 6 Não pecarás contra a castidade. Procura suborná-la para que fique a favor.
- 7 Não furtarás. É mais seguro sonegar impostos ou superfaturar.
- 8 Não levantarás falso testemunho. É mais simples comprar a sentença.
- 9 Não desejarás a mulher do próximo. Espera que ele esteja distante.
- 10 Não cobiçarás as coisas alheias. Se as tiveres, serão de segunda mão.

Isaias Pessotti, em Mais! de 991226

Cachoeiro: um rio. Casas penduradas, como se fossem feitas de brinquedo. Ruas que sobem para o céu. Folguedo de crianças brincando, descuidadas.

Ao longe, "O Frade e a Freira", de mãos dadas, sob a cumplicidade do arvoredo. Mais próximo, "O Itabira", ouve, em segredo, as velhas juras pelos dois trocadas...

Tudo tão terno e tão amigo! Na ânsia de amar coisas tão simples, como é doce rever os quadros vívidos da infância!

Cachoeiro quanta coisa faz lembrar...

Cachoeiro, que tristeza se não fosse aqui a minha terra, o meu lugar!

Athayr Cagnin: Minha Terra, de Seixo Rolado, 1982

Sinal vermelho estranhamente cinza. Fábricas paradas.

Carlos Roque Barbosa de Jesus SF 9806

O que contemplar nesta poluição a não ser a neblina?

Djalda Winter Santos SF 9807

Acertos no som para um show de metalheiros. Poluição à vista!

Edmar Japiassú Maia

Os ônibus passam com escapamento aberto. Sufoco no ponto.

Eduardo Lopes Vieira

À noite o mundo cai. Caco a caco de manhã cato o mundo.

Guta Marques Porto: de No Ombro da Noite, 1992

Casais com bebês, na fila, à porta da clínica... Inversão térmica!

Guim Ga SF 9806

São Paulo, a garoa, a companhia de outrora, virou poluição!

Hermoclydes Siqueira Franco SF 9806

Chaminés das fábricas poluindo as cercanias... Coceira nos olhos.

Humberto Del Maestro SF 9806

O ar está chorando poluição em cascata quero ir para o campo.

Joana de Toledo Machado SF 9806

Saudade da roça... Nesta cidade gigante, que poluição!

João Batista Serra SF 9806

Levanto apressado. Que alívio! Os passarinhos ainda estão vivos...

João Elias dos Santos

Na nuvem cinza, fria cidade cimento cor de poluição.

Larissa Lacerda Menendez SF 9808

Natureza em fúria: ventanias e trovoadas. Poluição sonora.

Leda Mendes Jorge

Poluição no mar! Por amor à vida, a ave lutando até o fim!...

Leonilda Hilgenberg Justus

Poluição completa a paisagem dita urbana: céu acinzentado...

Luis Koshiro Tokutake SF 9807

Rede elétrica... fios de alta tensão clareiam noites.

Magda Regina Lugon: de Os Limites do Reino, 1993

No placar da praça a "qualidade do ar"... Coberta de poeira.

Maria de Jesus Baptista de Mello SF 9707

Na cidade grande o céu não é mais azul. Poluição no ar.

Maria Reginato Labruciano SF 9707

Garrafas e latas boiando no rio viajam: - passeio ecológico?

Mariemy Tokumu SF 9707

Poluição nos cerca, respirar... quase impossível... Deus nos proteja!

Mariza Estevão da Silva † SF 9707

Saca o cigarro. Dispara o isqueiro no ar a fumaça.

Paulo Alfredo Feitoza Böhm

Detritos no rio. Inerte, um cardume inteiro flutua na espuma.

Sérgio Bernardo SF 9707

Na água colorida mal cheiro, peixes mortos. Poluição... náusea.

Sergio de Jesus Luizato

No trevo haicai de sação, o **kigo poluição** refere-se ao fato atmosférico mais evidente no inverno, de ação retardada. Outros trevos narram de forma igualmente bem-sucedida, a poluição de efeito imediato ou sutil. Em qualquer dos casos, organizadas! pelo homem – para o homem – em constante busca da economia com base na... porcaria.

KIDAI DE INVERNO

| | | |
|--|---|---|
| Presentes e beijos, no Dia dos Namorados. Que jovens felizes! Albertina C. G. dos Santos | A folha seca cochicha na voz do vento... recado de ontem. Fernando Vasconcelos | Após a briga, noivo manda buquê de... amor-perfeito! Luis Koshiro Tokutake |
| No ar, fogos explodem... São colégios cristãos que despetalaram... Amália Marie G. Bornheim | Manhã de São João! Sob as cinzas da fogueira brasas ainda queimam... Guim Ga | Pra aquecer no inverno, vou a festa junina e brinco de quadrilha!... M. U. Moncam |
| O estalar da palmeada no crepitir da fogueira. Xixi na cama. Carlos Roque B. de Jesus | A praia de inverno. Água gelada, bem fria. Ausência do sol. Haroldo R. Castro | As folhas ao vento no cimento da calçada falam do passado... Manoel F. Menendez |
| Olhando a folhinha. É Dia dos Namorados... Troca de presentes. Cecy Tuninamhi Illha | Desce um urubu, a seguir, um grande bando. Carniça à vista. Helvécio Dursó | Aparências de arte... Sobre a mesa, entre botijas, repousam morangos. Maria de Jesus B. de Mello |
| Arbusto arqueado pintadinho de pitangas... festa de licres! Débora Novas de Castro | Nas leiras do amor-perfeito, flores coloridas. Humberto Del Maestro | Arregalo os olhos! - Sobre a mesa - bem fritinho... um prato de... aipi! Maria Madalena Ferreira |
| Na festa junina fogueira queimando a beira cuidado menina. Derev de Freitas | Praia fria e nua nem de biquini se cobre. Areia tão triste... J. Stavola Porto | Seca, mansamente, cai a folha e o vento lento faz haicais no chão. Nilton Teixeira |
| O vento soprando vai dando forma às nuvens. Chega a frente fria. Djalda Winter Santos | Pitanga ainda verde, o casal experimenta fazendo caretta. João Batista Serra | Nem sinal de chuva. Rio minguante, grande mangrove, previsão fumeista. Olga Amorim |
| Tua casca rosada e a sede falando alto... Mexericá à vista! Domingos Durante | moça olhando estrela Dia dos Namorados. Larissa Lacerda Menendez | O piar de uma coruja rascando o silêncio... Santos Teodósio |
| Balão na floresta. Ressoam gemidos verdes em meio à folhagem... Edmar Japiassú Maia | Os casacos negros sombreado a tarde azul: bando de urubus. Leonardo C. dos Santos | A plantação sofre o verde agora é branco geadas. Sonia M. Machado Cozzo |
| Mendigo encolhido, notada, fria geadas... Coração partido. Fernando Soares | Na festa junina, foguetes despertando anjos! Também, Santo Antônio... Leonilda Hilgenberg Justus | Festa na escolinha: a fogueira é de mentira mas esta saudade... Teruko Oda |

SELEÇÕES MENS AIS

ENVIAR NO MÁXIMO TRÊS HAICAIS

Kigos à escolha (remeter até 30.06.00):

Árvore-do-viajante, Dia da Enfermeira, Orvalho.

Kigos à escolha (remeter até 30.07.00):

Acelga, Pau-de-sebo, Suinã..

Fazer um haicai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo – palavra da sação (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haicai com kidai, ou seja, haicai com tema da estação, por conter, como assunto principal o kigo. O haicai de sação deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicai conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo, podendo posse, repeti-los; cada conjunto em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos corretos dos respectivos kigos, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa do rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

IPÊS EM FOLHA

| | | |
|---|---|--|
| Na ponta do galho, um abacate maduro, desafia o vento. Maria Reginato Labruciano | Um baque no chão, um abacate maduro. Esperet demais... Héron Patricio | Querendo o abacate o menino espera o vento. Vara muito curta. Patricia Maia Patricio |
| Abacates pelo chão... Salve o pé-de-vento! Ercy M. M. de Faria | debaixo do abacateiro, tingida de verde... Hermoclydes S. Franco | rodam na ala das baianas espanando o chão. Yedda Ramos Maia Patricio |
| Artes no poleiro! Um rumor de asas afiladas: louro pendurado! | Ala das baianas... Entre babados e rendas o mundo a girar... Ercy M. M. de Faria | Vojar de louros contra o fundo azul celeste. Cor em movimento... Darly O. Barros |
| Desfile sublime na passarela do samba. Ala das baianas. Ailson Cardoso de Oliveira | Do alto de uma árvore, louro saída quem passa. Voz da liberdade. Renata Paçola | Poleiro vazio. Louro se balança... no ar. Corrente no pé. Maria Reginato Labruciano |
| recebe abraços de rendas! Ala das baianas. Elen de Novais Felix | num adeus aos abacates... crianças colhendo. Anita Thomaz Folmann | um jardim colore o asfalto. Ala das baianas... Darly O. Barros |
| Bicada no dedo. Louro não quis dar o pé. Menino com medo. Sérgio Serra | Ala das baianas - buquê de rosas bailando na Sapuca! Edel Costa | Na ala das baianas saias brancas e rendadas. Festival de gordas. Patricia Maia Patricio |
| Em pleno asfalto abacates pendurados aos olhos da fome... João Elias dos Santos | Olhe o girassol! Nasceu no mesmo lugar onde enterrei o louro! João Elias dos Santos | Mina de esmeraldas; produção a céu aberto... Tenros abacates. Darly O. Barros |
| engrenagens de relógio vão rodopiando. Héron Patricio | pousa o louro no coqueiro, quebrando sementes. Ailson Cardoso de Oliveira | A luz de holofotes Na grande avenida, um mar branco... em torvelinhos. Ala das baianas. Maria Reginato Labruciano |
| Um montinho de cores, lá se vai o louro alegre... dono da amplidão. Anita Thomaz Folmann | Na gaiola, o louro, para imitar a criança, soluça tristonho. Olga dos Santos Bussade | Na televisão, falso louro inteligente surpreende a loira. Patricia Maia Patricio |
| Escola passando... Vibra o povo no sambódromo. Ala das baianas. Nadrir Leme Ganzer | Crianças brincando, e sobre um dedo esticado, louro espicha o pé. Analice Feitosa Gama | Contrariando a chuva ala das baianas segue. Sucesso molhado. Alba Christiane |